

Considerações sobre o suicídio em tempos pós-modernos¹

Tháisa Vilhena Silva

Percorrendo a história, passamos por um período conhecido como modernidade. Interessamos aqui tratar de um tempo que surgiu após essa época, ou seja a pós-modernidade.

Mas ainda não existe um consenso se pós-modernidade representa ou não uma ruptura quanto à modernidade o que gera uma discussão sem fim.

Não cabe aqui resolver tal questão, mas sim compreender o impacto que as características deste momento têm causado no modo de vida das pessoas, contribuindo de certa forma para o aparecimento de enfermidades e mortes não naturais.

Fensterseifer e Werlang (2006) fazem uma colocação interessante. Para elas, uma dessas características é a incerteza frente às coisas. A ciência, por exemplo, do ponto de vista das autoras, deixou de ser algo onipresente. Acreditava-se que ela progrediria muito a ponto de dominar cada vez mais a natureza. Mas há um paradoxo: sem dúvida que os avanços contribuíram em grande parte, principalmente no que diz respeito ao aumento da duração de vida, mas também têm surgido as mortes por suicídio vêm como um insulto para a ciência.

Outra característica é dada por Harvey (2004). Para ele, o mundo tornou-se uma pequena vila; o tempo não é mais o tempo dos grandes ciclos, o futuro já virou passado e nós estamos constantemente desatualizados.

Passamos a priorizar o consumo, se fracassamos, somos tomados pela culpa e vergonha. Além disso, a sociedade exige que cada um seja melhor que o outro e assim, ficam as relações

¹ Este texto é parte integrante do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado sob o título: *Admirável Mundo Novo: Os Impactos das Modernidades e a Questão do Suicídio* – orientado pela Profa. Mônica Anechini Campedelli, na Universidade do Vale do Sapucaí, UNIVAS.

superficiais e competitivas, reportando justamente a idéia de narcisismo, onde eu me basto, precisando do outro apenas para me satisfazer. Isso parece viver e estar só (Fensterseifer & Werlang, 2006).

O pai da psicanálise, Freud (1929) citado por Campedelli (2007) coloca o porquê da infelicidade do homem, uma vez que ele está em uma civilização que ele mesmo criou.

E interessante que talvez seja o próprio Freud (1929) citado por Castro (1999) que nos dê a resposta. Para ele, esse mal-estar gerado nas sociedades civilizadas tem sido traduzido por uma busca infeliz e infantil de felicidade. Essa civilização seria encarada simultaneamente como obra dos homens e como processo que ultrapassa até eles próprios, e eles a veriam como uma estranheza.

Como estamos então diante dessa estranha coisa?

A falta de um rumo a ser seguido fez-se forte na idéia de Forbes (2004) e ele chamou de “desbussolado” esse homem da era pós-moderna. Para o autor, as pessoas antes eram orientadas por um eixo. Elas tinham o norte da mão de um pai que, por ter o saber, assegurava o caminho a seguir. Agora não temos mais o outro como referência.

Nesse nosso tempo não há maiores líderes para apontar caminhos ao indivíduo, para dizer-lhes o que deve ser feito e aliviá-los da responsabilidade pela consequência de seus atos. O que existem no mundo dos indivíduos, de acordo com esse autor, são apenas outros indivíduos, ávidos por um exemplo a ser imitado ou uma palavra de conselho sobre como lidar com seus problemas, que devem ser enfrentados individualmente (Bauman, 2001).

Isso não significa que anterior ao tempo pós-moderno as pessoas não sofriam, não sentiam solidão, vazio e tédio.

Para Hegenberg (2000), antes parecia haver uma estabilidade nos relacionamentos e o vazio, a solidão e o tédio, apesar de serem próprios da existência humana, estavam escamoteados por um caminho a seguir, dado por um referencial e definido por marcas da tradição e respeito às normas.

Esse autor acredita que nessa sociedade pós-moderna, tudo se transforma e novos valores são rapidamente consumidos e substituídos por outros que, provavelmente serão desmanchados. Assim, o nível da angústia tende a aumentar por causa da insegurança gerada por contínuas e progressivas mudanças.

Parece haver então no mundo em que estamos vivendo, uma inversão de valores e uma perda significativa de estabilidade e de limites.

Até os laços humanos ficaram marcados pela fragilidade e agora podem ser rapidamente desfeitos, para que se deixe espaço a outro relacionamento. As amizades foram substituídas pelas salas de bate-papo e as redes de relacionamento promovem relações fantasiosas ou profundas protegidas pelo anonimato. As pessoas ficam na expectativa de que o melhor ainda está por vir e há sempre algo melhor para esperar e assim, desaprendem o amor e tornam-se incapazes de amar. Essa sensação de que se pode ser substituído e pode substituir a qualquer tempo, faz com que as pessoas vivam com a sensação de ansiedade, de incompletude (Bauman, 2004).

Desfeitos os laços com o outro, com a sociedade disciplinar, com a família patriarcal e com a suposta garantia de proteção por parte do poder soberano, tem-se um estado de desamparo que acompanha o indivíduo deixado à própria sorte (Oliveira, 2006).

Esse sentir-se desamparado, segundo Garcia e Coutinho (2004) não é apenas sentir a falta do outro, mas também estar desprotegido e despreparado sob a ameaça de um outro gozador.

Fensterseifer e Werlang (2006) acreditam que estar desamparado é estar a mercê e por isso dar conta desses sentimentos é difícil e tarefa apenas do indivíduo, o que faz com que muitas vezes ele acabe buscando algumas saídas e refugiando-se em locais considerados muito pouco seguros.

Sobre esses “locais” pouco seguros, as mesmas autoras nos dão o exemplo do uso de drogas como tentativa de aceitação social. Para elas, o estado causado pelo uso e abuso de substâncias psicoativas, proporciona aos indivíduos, nem que seja por alguns segundos, a sensação de não mais estar fora da sociedade que tem o narcisismo como o seu maior símbolo. A droga vai então oferecer uma possibilidade de não-confronto com o desamparo, uma vez que o indivíduo tem buscado desesperadamente proteção frente a esse sentimento. As maneiras de não se deixar levar por esse desamparo, segundo as autoras, são buscadas no prazer sem limite, no estético, no desejo, na felicidade irrestrita e no uso de drogas.

A preocupação com o corpo constitui em outro exemplo. Sundfeld (2000) acredita que esse desejo de exibir um corpo esculpido significa ser aceito, desejado e invejado pelos outros. Essa meta de corresponder ao modelo idealizado é fonte de estresse e depressão e, sobretudo, de recusa em si mesmo, resultante da condição humana de imperfeição, finitude e impermanência.

A “pílula da felicidade”, conhecida como Prozac, aparece como um exemplo de prazer sem

limite, de consumo, como se pudéssemos comprar a felicidade também. Para Ribeiro (2003, p.403) o remédio “promete acabar com as mazelas do sofrimento humano”. E Vieira (2005) provocador diz que sim, felicidade se compra sim, desde que se torne uma mercadoria.

Porém, parece que não são todas as pessoas que encontram o prazer, que vêem um cenário bonito e uma vida brilhante, baseada no consumo, na possibilidade de compra de uma “felicidade”. E até mesmo aquelas que parecem encontrar ou acham que encontraram, estão vulneráveis à insatisfação, resultando assim em uma sensação de fracasso, abrindo possibilidade para a manifestação de doenças.

Assim, o mundo contemporâneo fica caracterizado pelas patologias como as depressões, a síndrome do pânico e as toxicomanias (Birman, 2003).

Para Saraiva (2002), nessa sociedade onde há o imperativo do prazer, o consumismo funciona como resposta social ao mal-estar dos dias atuais e as toxicomanias servem para silenciar a dor de se descobrir sem referências, o desejo e o prazer passam a ser as molas-mestras do viver pós-moderno, constituindo-se como o novo ideal de felicidade e bem-estar.

Mas há aqueles que fracassam, que não conseguem atingir esse ideal e voltam-se contra si mesmos, matando-se. O indivíduo suicida busca a libertação de um sentimento profundo e intolerável de falta, sendo a expressão mais radical de uma crise de despersonalização, uma vez que só se concebe o próprio fim quando o sujeito não se reconhece mais, identificando-se com o agressor introjetado (Fensterseifer & Werlang, 2006).

Birman (2003) acredita ser o suicídio uma saída possível para o sentimento de desamparo, considerado como o mal-estar típico da pós-modernidade.

Este comportamento tem grande impacto e é sem dúvida, uma solução definitiva para problemas temporários. O que tem se observado é que cada vez mais as pessoas têm buscado no suicídio uma alternativa para dar um fim na sua dor (Fensterseifer & Werlang, 2006).

Para se ter uma idéia, os dados da Organização Mundial de Saúde de 2003 mostram que nesse ano, novecentas mil pessoas cometeram suicídio, o que representa uma morte a cada trinta e cinco segundos.

Esse aumento do número de suicídios pode ser uma expressão da organização atual, onde o homem não se sente mais feliz com sua sorte nessa sociedade pós-moderna (Timbó, 2006).

Freud (1953) citado por Oliveira e Neto (2002) declarou sua crença de que o suicídio representaria essa agressão voltada para o íntimo, contra um objeto de amor introjetado e investido, com um desejo reprimido de matar outra pessoa.

Seria a atual sociedade a representação dessa “outra pessoa”?

O que Kalina e Kovadloff (1983) citados por Fensterseifer e Werlang (2006) dizem é que há uma denúncia do fracasso das máscaras que tentam esconder a impossibilidade de continuar vivendo e suportando o intenso vazio dessa nossa sociedade pós-moderna quando o suicídio acontece.

Fensterseifer e Werlang (2006) explicam que é justamente por isso que alguns autores ressaltam ser equivocado pensar o suicídio apenas como um representante de uma patologia individual, ou mesmo pensar que os indivíduos que têm o pensamento de suicídio são raridades ou constituem focos isolados.

De acordo com as autoras supracitadas, a sociedade em que vivemos está em profundo conflito e com uma identidade cultural bastante difusa. O que nos resta é buscar saídas ou defesas para os sentimentos de desamparo e mal-estar que nos têm sido atribuídos.

Diante desse mal-estar presente nesse nosso tempo, carregado de características como a incerteza frente às coisas, a falta de controle de um tempo que passa depressa demais, do consumismo, da sociedade narcisista, da necessidade de que o homem busque saída para o seu sentimento de desamparo, e outras mais, Cassorla (2004) vem para nos dizer que o suicídio constitui-se como o máximo da manifestação autodestrutiva do sujeito, que por sua vez, confirma o nosso fracasso na vida pós-moderna, onde não conseguimos aceitar o nosso lugar na sociedade, desistindo literalmente de viver.

Referências Bibliográficas

Bauman (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Bauman (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

Birman, J. (2003). *Mal-estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Campedelli, M. A. (2007). *Crise de “Sentido” x Crise de “Permanência” – a Orientação do Homem Moderno*. Trabalho apresentado na Semana da Psicologia Universidade José do Rosário Velano.

Cassorla, R. M. S. (2004). Comportamento suicida. In B. G. Werlang, & N. J. Botega. *Suicídio e autodestruição humana*. (pp. 21-33). Porto Alegre: Artmed.

Castro, M. L. C. (1999). *O mal-estar na civilização: atualidade de um texto*. Texto apresentado em seminário realizado no Instituto para o ensino e formação de psicanalistas da Sociedade Paraibana de Psicanálise, João Pessoa. Recuperado em 20 ago. 2007: <http://www.psiconica.com/psimed/files/mal-estar.pdf>.

Fensterseifer, L., & Werlang, B. S. G. (2006, outubro/dezembro). Comportamentos autodestrutivos, subprodutos da pós-modernidade? *Psicol. Argum., Curitiba* 24 (47), 35-44.

Forbes, J. (2004). *A Psicanálise do Homem Desbussolado – As reações ao futuro e o seu tratamento*. Trabalho apresentado em plenária do IV Congresso da Associação Mundial de Psicanálise, em 4 de agosto de 2004. Recuperado em 20 jun 2007: <http://www.jorgeforbes.com.br>.

Garcia, C.A., & Coutinho, L.G. (2004). Os novos rumos do individualismo e o desamparo do sujeito contemporâneo. *Psychê* 8 (13), 125-140.

Harvey, D. (2004). *Condição Pós-moderna*. (13^a. ed.) São Paulo: Loyola.

Hegenberg, M. (2000). *Borderline*. Coleção Clínica Psicanalítica. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Oliveira, A. V. (2006). *Pós-modernidade e sofrimento psíquico: análise feita a partir de depoimentos de psicólogos clínicos*. Tese de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte. Recuperado em 05 set. 2007: <http://www.pucminas.br>.

Oliveira, C. S. de & Neto, F. L. (2002). Suicídio entre povos indígenas: um panorama estatístico brasileiro. *Rev. Psiq. Clín.* 30 (1), 4-10.

OMS (WHO). World Health Organization. (2003). *The World Health Report 2003: Shaping the future*. Geneve. Recuperado em: 08 ago. 2007: http://www.who.int/whr/2003/en/whr03_en.pdf

Ribeiro, P. A. (2003, setembro). Mal-estar na psiquiatria: o papel da mulher na instituição psiquiátrica. *Revista Mal-Estar e Subjetividade* 3 (1), 395-417. Recuperado em 08 ago. 2007: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/271/27130208.pdf>.

Saraiva, J. E. M. (2002). Prazer do consumo ou consumo do prazer? AIDS, consumismo e mal-estar contemporâneo. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 2 (1), 129-140.

Sundefeld, A. C. (2000, set/dez). Abordagem integrativa: reterritorialização do saber clínico? *Psicologia: Teoria e Pesquisa* 16 (3), 251-257. Recuperado em 02 ago. 2007, da SciELO (Scientific Electronic Library On Line): <http://www.scielo.br>

Timbó, F. G. M. (2006). *Por que os adolescentes tentam suicídio? Explicações a partir de dois casos em Ipueiras – CE*. Recuperado em 20 mai. 2007: <http://www.sobral.ce.gov.br/saudedafamilia/downloads/monografia/mental/goncalina-suicidio.pdf>

Vieira, M. A. (2005, janeiro/junho). Objeto de desejo em tempos de superexposição. *Ágora* 8 (1), 27-40. Recuperado em 05 set. 2007, da SciELO (Scientific Electronic Library OnLine): <http://www.scielo.br>.
